



**Alexander von Humboldt (à esquerda, pintado por Friedrich Georg Weitsch, em 1806) escalou o monte Chimborazo (à direita, pintado por Frederic Edwin Church, em 1859); uma subida repetida por Andrea Wulf (em baixo)**



no foco das disciplinas em que trabalham, em vez de trabalharem transversalmente pelas disciplinas. Essa é uma das razões das pessoas se entusiasmarem com Humboldt. **Humboldt era um produto do seu tempo ou era um homem com uma visão diferente das coisas?**

Ambas as coisas. Na altura, havia os chamados ‘cientistas românticos’, que não estão contra a introdução da arte na ciência. Mas ele também tinha algo de genial. Podia lembrar-se da forma de uma folha que tinha visto 40 anos antes. Isso permitia-lhe comparar coisas entre continentes diferentes. Poderia estar numa montanha na Rússia [a observar uma planta] e lembrar-se de uma planta semelhante que tinha visto 30 anos antes, nos Andes, e fazer uma ligação de carácter global.

**Humboldt não fez nenhuma descoberta revolucionária como Darwin e Albert Einstein. No entanto, influenciou muitos pensadores. Porquê?**

Não há nenhuma grande descoberta ligada ao seu nome. A razão para isso é que ele não estava interessado em apenas uma coisa. Darwin passou décadas a trabalhar na sua teoria sobre a evolução. Já Humboldt, como estava interessado em muitas coisas e era uma pessoa inquieta, saltitava de um tema para o outro. Isso tem a desvantagem de não se ter tornado um especialista num só tema. Mas deu-lhe uma visão muito mais holística. Por isso, a sua importância foi a de ter influenciado muitas outras pessoas. Há pensadores, artistas, cientistas, políticos, que são influenciados por ele. Essa é a razão por que não escrevi apenas sobre Humboldt; escrevi sobre Darwin, [o escritor] Henry David Thoreau. Muitas pessoas não conhecem Humboldt, mas ele influenciou-as fortemente através das mentes de terceiros.

**No seu livro, opta por ter capítulos sobre algumas destas personagens. Porquê?**

Humboldt via a natureza unida a tantas coisas diferentes: a natureza e a política estão unidas, a natureza e a poesia estão unidas, a natureza e a arte estão unidas. Eu queria escolher quem foi influenciado por Humboldt e estava ligado a um desses temas. Por isso, escrevi a natureza, a revolução e Bolívar; ou a natureza, a imaginação e Goethe; ou a natureza, a poesia, a ciência e Thoreau. Queria debruçar-me sobre o leque de assuntos em que Humboldt estava interessado através das pessoas que inspirou.

**Que tipo de investigação fez para o livro?**

Passei muitos meses nos arquivos em todo o mundo a ler as suas cartas. Como escrevi sobre mais oito pessoas, fiz mini-biografias delas. Fui à Califórnia, onde há um arquivo das cartas do [naturalista e escritor americano] John Muir, mas também a sua biblioteca. Felizmente tinham os livros de Humboldt. E Muir escreveu neles, é como ler uma conversa entre este e Humboldt, onde fica sublinhado o que foi importante [para Muir]. O mesmo aconteceu com os livros de Humboldt que Darwin tinha, no arquivo de Cambridge. Mas também quis seguir os passos de Humboldt. Sabia que queria ver a florestas húmidas, a Venezuela, os Andes, e definitivamente Chimborazo.

**A escalada ao Chimborazo foi um momento definidor. De que forma é que repeti-la a ajudou a compreender o que Humboldt sentiu?**

Quando subimos o Chimborazo, tivemos muita sorte: estava um dia lindo de sol. Acho que foi a primeira vez que senti que estava no cimo do mundo. As nuvens estavam a rolar por baixo. E porque se vê tanto, apercebi-me, de repente, de que ninguém tinha estado tão alto como Humboldt [naquela altura]. Ele deteve o recorde mundial de altitude durante décadas. Hoje, vemos fotografias da Terra do espaço, isto foi o mais próximo que ele esteve de ver a Terra de uma forma una.

Isto permitiu-lhe aperceber-se de como tudo se liga: esta montanha não é apenas uma montanha, mas pertence a uma cordilheira.

**Qual foi a descoberta mais interessante que fez na sua investigação?**

Uma coisa que achei absolutamente fantástica e profética foi que ele, em 1800, previu como os humanos iriam provocar as alterações climáticas. Há 200 anos, ele avisou que iríamos destruir a natureza. Há uma altura em que ele escreve no seu diário que um dia iremos ocupar outros planetas, e iremos destruí-los e torná-los tão devastados e estéreis como fizemos à nossa própria Terra.

**Humboldt era contra a escravatura e o colonialismo, e a favor da democracia. Foi surpreendente descobrir um cientista tão vocal em relação à sua visão política das coisas?**

Não. Esquecemos-nos que aquele era um tempo em que muitos cientistas estavam realmente interessados na política. Depois da Revolução Francesa temos cientistas em posições governamentais. Humboldt era um

“**Humboldt tinha algo de genial. Ele podia lembrar-se da forma de uma folha que tinha visto 40 anos antes**”



filho do seu tempo. Mas, devido às suas viagens, ele apercebeu-se de muitas outras coisas. Viu os efeitos do colonialismo na América do Sul e tornou-se muito crítico. Ele não se tornaria tão crítico se não tivesse viajado às colónias, se não tivesse visto tudo com os seus olhos, de como a plantação colonial e a monocultura destruíram o ambiente. Ele criticava muito a Igreja, porque viu como os missionários tratavam os indígenas e os escravos.

**O que é que fez Humboldt ser esquecido após a sua morte?**

Ele não foi esquecido na América Latina. Qualquer criança na escola sabe quem ele foi. Lá, é muito mais conhecido como um amigo de Bolívar, não tanto como um cientista. Acho que há várias razões para ele ter sido esquecido [no mundo anglo-saxónico]. Não há nenhuma grande descoberta ligada ao seu nome. Trouxe uma visão holística do mundo, e é como se tivéssemos absorvido tanto as suas ideias que o homem por trás delas foi esquecido. Por outro lado, a ideia dele de que se deve usar a imaginação quando fazemos ciência não era aceite no início do século XX. Por fim, nos países de língua inglesa, após a I Guerra Mundial, havia um sentimento antigermánico tão grande que já não se celebrava um cientista alemão.

**Acha que a sua visão de usar a estética para compreender a natureza ainda é útil, hoje?**

É uma das coisas mais importantes sobre Humboldt. Isso está a faltar por completo. Na última cimeira do clima, em Dezembro, senti falta deste sentido da natureza maravilhosa, de uma sensibilização forte e apaixonada pelo nosso planeta. Tínhamos centenas de funcionários públicos, diplomatas, linguistas, todos a esforçarem-se por chegar a acordos com base em projecções estatísticas, o que é muito importante. Mas este reconhecimento de que só vamos proteger aquilo que amamos, isso está a faltar. Isso é uma coisa que a arte pode ajudar a compreender muito mais do que as projecções científicas.

**O que podemos aprender com Humboldt?**

Que tudo está ligado. Vivemos numa teia da vida, se destruímos o nosso planeta, então vamos ser destruídos. De uma forma estranha, Humboldt é importante para o movimento ambientalista, é importante ter este pai fundador no plano de fundo, que mostra que é daqui que vimos, que estas não são ideias acabadas de nascer, há muito tempo que se pensa nelas.

**esta abordagem holística?**

Acho que não. Ele une coisas como registos meteorológicos com plantas e com a geologia, e isso permite-lhe ver que existem regiões [de vegetação] semelhantes ao longo de continentes, embora haja entre elas enormes oceanos. É esta abordagem interdisciplinar que faz dele um cientista tão inovador e um pensador tão visionário. Um grande problema durante o século XX é que os cientistas percorrem um caminho cada vez mais estreito